

## AS NOVAS ESCALAS NA ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA

---

*Filomena Silvano*

### **Uma nova colocação do olhar**

As people move with their meanings, and as meanings find ways of traveling even when people stay put, territories cannot really contain cultures (Hannerz 1996)

Os estudos de lugar foram, até há relativamente pouco tempo, uma espécie de emblema da antropologia. Correspondiam-lhe os *lugares antropológicos*, de que fala Augé (1992). Estes resultaram de uma concepção de espaço que privilegiou o estudo das relações estabelecidas no interior das fronteiras de espaços delimitados (por isso, eram relacionais, identitários e históricos), o que, conseqüentemente, levou à subvalorização do sistema de relações que esses mesmos lugares estabeleciam com o exterior. Hoje, qualquer lugar se encontra em relação directa ou mediatizada com o exterior e, por isso, a sociedade contemporânea não se adapta a uma hierarquia da análise desse tipo. Se é verdade que alguns fenómenos têm uma expressão local, podendo por isso ser estudados de um ponto de vista que privilegia os limites internos do lugar, também é verdade que muitos outros exigem o estudo das múltiplas relações que o lugar estabelece com o exterior. Estamos frente a uma sociedade complexa que solicita novas formas de abordagem.

Esta problemática tem vindo a adensar-se e tem sido central nalgumas das discussões mais interessantes da antropologia contemporânea. Associa-se, obviamente, a questões mais gerais, sobretudo àquelas que dizem respeito à globalização e à desterritorialização dos fenómenos culturais. A antropologia viu-se, por via dos factos etnográficos, obrigada a rever as suas estratégias metodológicas, sendo que essa revisão surge em paralelo com uma outra mais global e de carácter epistemológico. Pôr em causa a noção de *lugar* (ou de *estudo de lugar*) significa interrogarmo-nos sobre a sua construção. O *lugar*, como refere Appadurai (1988), foi *uma prisão metonímica para encarcerar nativos*. Cada nativo tinha o seu próprio lugar, cada lugar correspondia a uma descrição etnográfica e a cada descrição correspondia uma análise antropológica. Cada um desses lugares tinha um *autor*: o antropólogo e o seu texto inquestionável.

A ideia de *Multilocalidade* tem sido apresentada por vários autores como uma alternativa à figura do *lugar*. Num texto de 1992, Margaret Rodman sistematizou, em quatro pontos que passo a resumir, os sentidos que geralmente lhe são atribuídos: 1. Descentralização do ponto de vista. O lugar de onde parte a observação não deve ser apenas o lugar do antropólogo, ou seja, o Ocidente, mas também os lugares dos outros. Esta perspectiva crítica associa a questão do lugar à questão da voz. Saber quem é que fala é também saber de onde, a partir de que lugar, é que se fala. 2. Estudo das interacções que se estabelecem entre múltiplos lugares. A noção de rede ou a de sistemas de lugares surge nesta proposta. 3. Relação reflexiva com os lugares, resultante das múltiplas formas de afastamento do lugar de origem, produzidas pela mobilidade. 4. Polissemia do espaço, resultante dos sentidos que os diferentes indivíduos lhe atribuem (Rodman 1992, 646 e 647).

A ideia de *multilocalidade* acaba por pôr em evidência uma outra figura, a da *fronteira*, tida não como uma linha que separa espaços estáveis, mas como um espaço intermédio, derrapante, poroso (aeroportos, meios de transporte, campos de refugiados, bairros de emigrantes, são alguns exemplos possíveis). Como sabemos, uma parte significativa da vida contemporânea desenrola-se nesses lugares, que os antropólogos reconhecem, mas que têm dificuldade em abordar.

A construção da noção de *ethnoscape*, de Appadurai, é, no meu entender, uma das tentativas mais interessantes de construir uma resposta para os desafios atrás enunciados. Com ela o autor pretende não



só dar conta dos dilemas pósmodernos, relativos ao posicionamento do observador e às representações daí decorrentes, mas sobretudo dar conta das questões relacionadas com as transformações sociais e territoriais do mundo contemporâneo e das implicações das mesmas nos processos de reprodução das identidades de grupo. Apelando para uma panóplia de sentidos que podemos organizar em torno de palavras como fuga, evasão, escapada, Appadurai propõe-se observar fenómenos que se desenvolvem em espaços de fronteira (no sentido atrás referido).

There is an urgent need to focus on the cultural dynamics of what is now called deterritorialization (Appadurai 1997,49)

As groups migrate, regroup in new locations, reconstruct their histories, and reconfigure their ethnic projects, the ethno in ethnography takes on a slippery, nonlocalized quality, to which the descriptive practices of anthropology will have to respond (Supra,48).

A proposta metodológica de Appadurai, que, segundo ele, deverá dar forma a uma etnografia cosmopolita, tem por base os denominados "Cultural studies", mais particularmente o estudo da relação entre a *expressão* e o *mundo*. Baseia-se no pressuposto segundo o qual a *imaginação* adquiriu um novo e singular poder na vida social.

The terms of the negotiation between imagined lives and deterritorialized worlds are complex, and they surely cannot be captured by the localizing strategies of traditional ethnography alone. What a new style of ethnography can do is to capture the impact of deterritorialization on the imaginative resources of lived, local experiences.(Supra 52)

Mas, como afirma Geertz, (...) *no one lives in the world in general* (Geertz 1996, 262). Vivemos todos em lugares, mais ou menos imaginados, mas espacialmente localizáveis, e a nossa relação com os lugares é um elemento fundamental para a construção das nossas identidades, tanto individuais como colectivas. Torna-se por isso imperioso ensaiar formas de estudar os novos mecanismos de construção do lugar.

Pretendi colocar aqui algumas questões que, no meu entender, interpelam a antropologia na sua globalidade e, mais particularmente, o sub-campo que se convencionou chamar *antropologia do espaço*. Essas mesmas questões estiveram, de uma forma ou de outra, na base do meu trabalho de investigação, que concebo como uma tentativa de ir encontrando soluções metodológicas e conceptuais operantes para a

abordagem do espaço e da cultura contemporâneos. Numa primeira fase trabalhei, no quadro de um projecto de investigação transdisciplinar<sup>1</sup>, em torno do objecto *representações do espaço*. O produto final dessa investigação surgiu sempre nas formas clássicas de relatórios científicos, textos e livros (Pellegrino 1986 e Silvano 1988, 1994, 1997). A vontade de encontrar outras formas de expressão, que não a escrita, surgiu da insatisfação relativa às possibilidades desta. Por isso mantive os objectos e os interesses teóricos iniciais, mas comecei a trabalhar, mais uma vez no quadro de um equipa transdisciplinar, num novo tipo de abordagem, a do cinema documental<sup>2</sup>. É a essas duas experiências de trabalho que, a partir daqui, me referirei.

### **Os pontos de partida de uma investigação**

Para ser sistemática, diria que o meu primeiro trabalho pretendeu demonstrar que: 1. as *identidades colectivas* se encontram directamente relacionadas com as *representações do espaço*, 2. as *representações do espaço* se organizam a diferentes *escalas*, 3. esse procedimento permite a integração progressiva dos espaços exteriores e, em termos de lógica da *identidade*, a integração progressiva da *alteridade*, 4. as *representações do espaço*, tal como a *identidade*, são uma realidade diacrónica e dinâmica, 5. esse dinamismo deve-se, em parte, ao processo de comunicação que envolve as representações de localidades socialmente relacionadas, 6. a mobilidade espacial (real ou simulada) é um importante factor de mediação cultural: através dela os actores passam do espaço local para os espaços globais, confrontam-se com a diferença e organizam a relação com o *outro*.

Penso que faz sentido desenvolver aqui algumas ideias relativas ao último dos seis pontos referidos: num contexto de globalização crescente, a *mobilidade* espacial surge como um elemento organizador das representações do espaço. Do ponto de vista daqueles que a vivem a *mobilidade* [que pode ser real ou simulada (Virilio 1980)] produz

---

<sup>1</sup> Refiro-me ao projecto PNUD/POR/81/003/A/01/13 "Spatial Development", que teve, como directores nacional e internacional, respectivamente, o Professor Doutor Augusto Guilherme Mesquitela Lima e o Professor Doutor Pierre Pellegrino.

<sup>2</sup> Refiro-me ao meu trabalho de consultora científica e de assistente de realização nos documentários de João Pedro Rodrigues *Esta é a minha casa* (terminado) e *Viagem à EXPO* (em montagem).



efeitos paradoxais: para eles os lugares passam a poder encontrar-se, em simultâneo, demasiado perto e demasiado longe. Um emigrante de retorno, por exemplo, pode organizar o seu *espaço de acção* (aquele que materialmente se encontra perto) tendo por referência o espaço do país em que esteve emigrado (ou seja, aquele que materialmente se encontra distante). No fundo, ele encontra-se demasiado distante do espaço e da cultura que lhe são materialmente próximos (visto que os organiza a partir de referências ausentes) e demasiado próximo (visto que os elege como modelos referenciais) do espaço e da cultura que se encontram materialmente distantes. Pode concluir-se que a proximidade material do *espaço de referência* é irrelevante; mesmo longínquo ele organiza as representações e as práticas dos indivíduos e, consequentemente, estrutura a sua *identidade*, que passa a resultar de transferências várias entre os valores presentes e os valores ausentes. A *mobilidade* dos actores traduz-se na *mobilidade* das referências e esse processo resulta, dada a lógica de reconfiguração das múltiplas referências, na produção de novas formas de representar o espaço. No essencial, traduz-se no aparecimento de formas mais complexas do que uma simples oposição de relacionar os espaços locais com os espaços globais.

Estamos face a um problema de multiplicidade de escalas de pertinência espacial, social e cultural. Uma análise escalonada permite uma abordagem espacialmente delimitada da diversidade de lógicas que organizam a cultura contemporânea: trata-se de definir, para cada objecto, a escala de observação mais pertinente. Essa metodologia, que segui desde o início do meu trabalho, permite uma abordagem simultânea e integrada das múltiplas configurações espaciais e culturais em presença. A questão da identidade deixa assim de ser limitada ao espaço dos indivíduos ou das comunidades em estudo (*o lugar*) para passar a integrar as interacções que estes estabelecem com os espaços exteriores. De facto, penso que, dadas as características da sociedade contemporânea, essa metodologia se torna quase imperativa. De contrário, enfrentamos a impossibilidade de trabalhar a presença, no espaço (e na comunidade) que definimos como unidade de análise, dos espaços (e das comunidades) que lhe são exteriores.

La première difficulté d'une ethnologie de "l'ici", c'est qu'elle a toujours affaire à de "l'ailleurs", sans que le statut de cet "ailleurs" puisse être constitué en objet singulier et distinct (*exotique*) (Augé 1992: 137).

Outros autores propõem, face à necessidade de a antropologia rever, para dar conta dos fenómenos contemporâneos, as suas estratégias metodológicas, aproximações que se enquadram naquilo que tem sido o meu quadro de trabalho:

On peut également être conduit à se demander si la localité ne joue pas dans la pratique comme un leurre scientifique, introduit par l'absence de prise en compte de la notion d'échelle dans la construction de l'objet, sur laquelle insistent les lectures "architecturales" de l'espace social. Cette notion d'échelle, à laquelle l'ethnologue n'est peut-être pas suffisamment sensibilisé, permettrait sans doute de mieux articuler, plutôt que d'opposer sommairement, local et global, centre et périphérie (Bromberger, Centlivres e Collomb 1989: 144).

### **Um território cada vez mais complexo<sup>3</sup>**

No quadro do projecto PNUD "Desenvolvimento espacial" foram inquiridos 6 terrenos (três no Litoral e três no Interior), todos eles constituídos por uma cidade e três localidades situadas na sua proximidade. Pretendeu-se, num contexto de urbanização em curso, fazer um estudo comparativo das inter-relações entre *centros* e *periferias*. No caso do terreno norte-litoral, por mim estudado e que me servirá aqui como exemplo, foram escolhidas as localidades de Guimarães, Vizela e Santa Eulália, por constituírem, tanto consideradas isoladamente como em conjunto, estudos de caso interessantes, ligados a uma mesma problemática central.

A organização territorial da região resulta, em grande parte, do processo de *industrialização difusa* (Reis 1987), que pontua o território rural de pequenas unidades industriais não dando forma a núcleos urbanos demograficamente muito significativos. A indústria coexiste com a agricultura num sistema produtivo misto, que resulta numa configuração social particular, caracterizada justamente pela coexistência de diversos modelos económicos, sociais, culturais e simbólicos. A problemática geral do terreno coloca-se no interior dessa diversidade e dos mecanismos que a constituem. A ela se associa uma problemática mais específica, relativa às delimitações das malhas administrativas. Num contexto de transformação social surgem projectos de novos limites administrativos (Vizela reivindica a restauração do seu con-

---

<sup>3</sup> Cito aqui algumas das conclusões do livro "Territórios da Identidade" (Silvano 1997).



celho), e esses projectos integram-se numa dinâmica em que a tradição (na forma de *memória colectiva*) se articula com a modernidade (a industrialização recente sustenta a vontade de emancipação) com vista à transformação do espaço.

O estudo demonstra que a transformação do espaço contemporâneo conduz à sua complexificação. Como se processa essa transformação? Basicamente a partir de dois mecanismos (aparentemente contraditórios), que devemos situar no interior das novas relações entre o local e o global. O primeiro consiste na multiplicação das relações com o exterior e resulta numa abertura dos espaços locais ao espaço global. Em termos culturais podemos dizer que se trata de um mecanismo de produção de uma cultura cosmopolita. O segundo consiste no investimento no local e resulta no aparecimento de novos espaços de enraizamento. Aproxima-se de mecanismos culturais de tipo tradicional. Actuam em complementaridade, conduzindo à criação de um espaço mais denso, que integra, simultaneamente, novos limites territoriais e novas redes de relações espaciais.

Para dar conta, em simultâneo, das transformações que decorrem dos dois mecanismos referidos, apliquei aos meus estudos de caso uma metodologia de análise que me permite distinguir as diversas eficácias espaciais, que coexistem e se inter-relacionam, dando forma a configurações de organização complexa. Pude assim estudar as múltiplas interacções entre o local e o global e demonstrar que o investimento no lugar pode ser correlativo da abertura ao exterior e das transformações daí decorrentes. O meu estudo revela que a abertura aos *géneros de vida* urbanos é correlativa da revalorização de alguns valores tradicionais. A paisagem, os vestígios do passado e as práticas rituais são pontos de fixação de uma dinâmica que articula, de forma original, as referências locais e globais. Além disso, o processo de urbanização não se traduz apenas na homogeneização do espaço. A complexificação que lhe está associada leva ao aparecimento de novas escalas de pertinência (social, cultural e territorial) e, nesse sentido, a urbanização produz sobretudo uma diversificação do território.

The binary logic which seeks to comprehend culture via the mutually exclusive terms of homogeneity/heterogeneity, integration/ disintegration, unity/diversity, must be discarded. At best, these conceptual pairs work on one face only of the complex prism which is culture (Featherstone 1990: 2).

A situação de conflito – para aqueles que não conhecem o terreno: Vizela reivindica a restauração do concelho de Vizela, facto que, a concretizar-se, se traduzirá no surgimento de um limite administrativo que se colocará a uma escala inferior à do actual concelho de Guimarães – justifica, mas só em parte, o investimento espacial da vila de Vizela, que aparece como um caso paradigmático de revalorização do local. Num contexto de urbanização, e consequentemente de abertura ao exterior, Vizela desenvolve uma dinâmica de revalorização do seu território. Para tal socorre-se de diferentes estratégias. A criação de um *imaginário* local, com o que isso implica de recuperação dos factos históricos e de investimento narrativo, parece ser um dos objectivos dos actores sociais culturalmente mais criativos. Em simultâneo, outras estratégias implicam, directamente, as relações mantidas com o exterior. Por exemplo, a " projecção internacional" da indústria vizelense é um dos elementos utilizados na construção de uma retórica que reivindica o reconhecimento de um espaço que se define à escala local.

Mas se Vizela pode ser apresentada como um caso paradigmático, Guimarães e Santa Eulália não deixam por isso de revelar também o funcionamento de mecanismos de revalorização do local. Porque se sente ameaçada, Guimarães, tal como Vizela, reactiva o *imaginário* local, ao mesmo tempo que reforça a importância das ligações com o exterior. Pelo seu lado Santa Eulália, a localidade mais radicalmente tocada pela mudança, organiza as novas referências urbanas tendo o cuidado de, ao inserir-se num espaço alargado, iniciar um processo de revalorização das suas características rurais. Essa revalorização faz-se, no entanto, a partir de valores urbanos: a noção de "qualidade de vida" aparece num discurso positivo centrado na aldeia.

O nosso terreno permite ainda outro tipo de reflexão. Foi possível observar a génese de duas novas delimitações territoriais: o concelho de Vizela e a Região do Vale do Ave (uma associação de 8 municípios atravessados pelo rio do mesmo nome). Este facto revela que, além de não se homogeneizar, o território ainda se complexifica, graças ao aparecimento de novas escalas de pertinência que se vêm "encaixar" entre as pre-existentes, exigindo por isso reacertos que implicam todas as escalas co-presentes. Os novos recortes territoriais constroem-se através de processos longos, complexos e negociais, que se desenrolam a diferentes escalas de intervenção. Apesar de se tratar, neste caso, de um movimento de reorganização do espaço local e regional,



ele implica também negociações com o exterior, nomeadamente com o poder central.

São apenas alguns exemplos, para apoiar as afirmações do início deste texto. De facto, o local é uma realidade que só existe se pensada no interior das suas relações com o exterior. Todos os movimentos de reinvenção da tradição se integram numa dinâmica cultural que investe na produção do local, tendo no entanto a cultura global como interlocutor preferencial. O turismo é o objecto mais óbvio para entender essas dinâmicas, mas, como sabemos, não é o único.

### **Filmar uma cultura desterritorializada**

Passo agora a referir-me ao trabalho de concepção e montagem que deu origem ao documentário *Esta é a minha casa*<sup>4</sup>. Na base do projecto inicial esteve a questão da *desterritorialização* dos processos culturais contemporâneos, uma questão que reunia o interesse dos elementos da equipa, a saber, de Amândio Coroadó, responsável pela ideia inicial, de João Pedro Rodrigues, o realizador, e de mim própria, a consultora científica. No meu caso, como já referi, interessava-me continuar a trabalhar as temáticas relativas à relação entre a mobilidade espacial e a construção das identidades, individuais e colectivas, mas queria fazê-lo, não a partir das formas de escrita mais tradicionais, mas a partir de outras formas de construção da narrativa. Como construir discursos reflexivos que tenham por objecto processos que se desenrolam sob a forma da simultaneidade (problematização do espaço) e da não linearidade (problematização do tempo)? Tinha estas questões presentes, quando aceitei o projecto de colaborar na realização de um filme sobre os espaços de vida de uma família de emigrantes, e tinha também a convicção de que o cinema, e as possibilidades de construção da narrativa que decorrem do trabalho de montagem, é um lugar privilegiado para encontrar formas de responder às questões que a cultura contemporânea coloca à escrita etnográfica.

If ethnographic description can no longer be circumscribed by the situated locale or community, the place where cultural process manifests itself and can be captured in the ethnographic present, what then?

---

<sup>4</sup> O processo de concepção e realização do filme foi por mim comentado no texto *Vidas em trânsito*, que integrar o número da revista *Ethnologia* dedicado ao tema "Trabalho de campo".

How to render a description of cultural process that occurs in trans-cultural space, in parallel, separate, but simultaneous words? This recalls a defining problem of literary modernism concerning representation in a linear form of simultaneity (Marcus 1995: 38).

A questão essencial era encontrar formas de filmar, e depois de mostrar, vidas deslocizadas. De algum modo, tratou-se de um processo de trabalho progressivo, em que as respostas foram sendo encontradas sem serem necessariamente sujeitas a uma reflexão objectivante. Só depois de o filme se encontrar terminado, me foi possível iniciar, em diálogo com o realizador, essa tentativa de entender, desmontando-a, a narrativa final.

Objectification in ethnographic representation has been effectively critiqued, but the need for setting the scene, even in the most radical attempts to use a montage of consciousness, requires some revision, but also a preservation, of an objectifying discourse about process and structure. This is what the use of montage technique in the service of representing the simultaneity and spatial dispersion of the contemporary production of cultural identity achieves (Marcus 1995: 48).

### **Viagens, santuários e simultaneidades**

As filmagens decorreram durante o Verão de 1997 e, no essencial, diria que filmámos o dia a dia da família de José Oliveira do Fundo. Uma família de emigrantes portugueses em trânsito entre as suas várias casas: a casa pequena, de porteira, no centro de Paris, a moradia grande e com jardim, na periferia de Paris, as casas dos sogros, uma de emigrantes, outra não, em Trás-os-Montes. Filmar pessoas em trânsito foi a maneira que encontrámos para mostrar como é que uma família, de origem portuguesa mas em constante percurso entre duas aldeias de Trás-os-Montes e a cidade de Paris, constrói o seu próprio universo cultural e, consequentemente, a sua identidade. A *casa* que filmámos não é afinal uma casa, seguindo Appadurai, diria que se trata de uma *ethnoscape*, uma figura derrapante, imaginada (e também realizada) que conjuga os vários lugares habitados pela família Fundo.

As imagens de viagem são o elemento de ligação mais óbvio e transformam-se facilmente numa forma expressiva capaz de falar desse carácter fluído das fronteiras. Por isso, a primeira opção de montagem teve a ver com a utilização dos planos da viagem entre



Paris e Trás-os-Montes como sequências de ligação. O filme salta constantemente de Paris para Trás-os-Montes e de Trás-os-Montes para Paris, de uma forma absolutamente não linear. Há planos em que não sabemos exactamente onde estamos, nem de quem é aquela casa, nem quem lá vive. Tal como a vida da família Fundo, que nos pareceu passada entre várias casas, sempre em mudança. Mas a ligar estas situações está, para lá da viagem, a religiosidade. Penso que, aqui, João Pedro Rodrigues conseguiu um dos elementos de organização da narrativa mais interessantes do filme e, ao mesmo tempo, um dos elementos que mais dizem da singularidade daquelas pessoas. Viajam, mas há sempre memórias, materializadas nas figuras dos santos e na repetitividade das práticas rituais, a ligar os espaços que habitam. Durante a montagem, a presença do religioso foi-se tornando num dos elementos fortes do filme: inicia-se com um plano filmado na missa da paróquia de St. Joseph, em Paris, antes da partida, e as práticas rituais vão-se repetindo, ao longo de todo o filme, tal como os planos da viagem. Vemos as paragens nos santuários, a romaria de S. Bartolomeu, a apresentação da nova capela e a comunhão de Léa (a filha do casal).

A família Fundo participa, de diversas formas, duma lógica social que se socorre das práticas religiosas para pôr em prática estratégias de aliança e de afirmação no interior da comunidade de origem. Por exemplo, José investe, de forma produtiva e inovadora, na vida ritual da aldeia de Jacinta. Concebeu, e levou a cabo, o projecto de construir uma capela para uma pequena imagem que, até aí, "habitava" um pequeno nicho, e iniciou uma festa, organizada por dois mordomos, um rapaz e uma rapariga, ambos solteiros. *Uma festa para os jovens, porque os mais velhos já tinham a deles*. Com esta iniciativa, preparada a partir das teias de relações sociais francesas, José conseguiu acumular um considerável capital social e simbólico, reconhecido tanto na aldeia da mulher como na comunidade de emigrantes franceses. Este processo, de revalorização do local num contexto de deslocalização, integra-se nas preocupações formuladas por Appadurai:

The terms of the negotiation between imagined lives and deterritorialized worlds are complex, and they surely cannot be captured by the localizing strategies of traditional ethnography alone. What a new style of ethnography can do is to capture the impact of deterritorialization on the imaginative resources of lived, local experiences. (Appadurai 1997: 52)

Como disse no início, partimos para este projecto com vontade de dar a ver uma cultura desterritorializada ou, dito de outro modo, uma cultura de fronteira. Filmámos uma família de emigrantes e pareceu-nos que as pessoas vivem e constroem a instabilidade que essa mesma figura concede ao mundo. Até à chegada a Portugal, a outra forma da fronteira, a da linha de separação entre espaços estáveis, não nos tinha parecido pertinente para as suas vidas. Mas nesse momento tudo mudou. No filme vemos que, a dada altura durante a viagem, José e Jacinta começam a dar sinais de vivacidade, desconstracção e alegria. Percebemos que nos estamos a aproximar da fronteira portuguesa e vamos acompanhando um crescendo de emoção que termina numa gritaria (no momento da passagem da fronteira de Quintanilha), imediatamente seguida de hesitação, perplexidade e mesmo frustração. Tudo isso, porque já não é possível saber o lugar exacto onde começa Portugal. É o único momento do filme onde se manifestam as contradições resultantes de um mundo que mudou mais rapidamente do que as formas de o pensar.

### **Bibliografia citada**

- Augé, M. 1992, *Non-Lieux*, Paris, Seuil.
- Appadurai, A., 1988, "Putting Hierarchy in Its Place" in *Cultural Anthropology* 3:36-49.
- Appadurai, A., 1997, *Modernity at large – Cultural dimensions of globalization*, University of Minnesota Press, Minneapolis.
- Bromberger, C., Centlivres P. e Collomb, G. 1989, "Entre le local et le global: les figures de l'identité", in *L'Autre et le semblable*, Paris, Presses du CNRS.
- Crawford, Peter I., 1995, "Film as discourse: the invention of anthropological realities" in *Film as ethnography*, Manchester University Press, Manchester.
- Featherstone, 1990, *Global culture – nationalism, globalization and modernity*, London, Sage publications.
- Geertz, C., 1996 "Afterword", in *Senses of place*, Santa Fe, School of American Research Press.
- Hannerz, U., 1996, *Transnational connections*, London e New York, Routledge.
- MacDougall, D., 1995, "The subjective voice in ethnographic film" in *Fields of vision*, University of California Press, Berkeley.



## *As Novas Escalas na Abordagem Antropológica*

- Marcus, E. George, 1995, "the modernist sensibility in recent ethnographic writing and the cinematic metaphor of montage", in *Fields of vision*, University of California Press, Berkeley.
- Pellegrino, P. et al. 1986, *Espace et développement, Développement spatial et identités régionales au Portugal – tome I*, Genève, CRAAL – UNESCO.
- Reis, 1987, "Os espaços da industrialização", in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº22, Abril, Coimbra.
- Rodman, M. 1992, "Empowering Place: Multilocality and Multivocality", in *American Anthropologist* 94(3):640-56
- Silvano, F. 1988, *Identidades regionais e representações colectivas do espaço*, Lisboa, UNL.
- Silvano, F., 1994, *Mobilidade e enraizamento: as transformações da identidade*, Lisboa, UNL.
- Silvano, F., 1997, *Territórios da identidade*, Oeiras, Celta.
- Virilio, P. 1980, *Esthétique de la disparition*, Paris, Balland.